

CARTAS DA NAU*

Chico Machado¹

RESUMO: Este escrito foi composto a partir de fragmentos dos textos que integram o espetáculo denominado Manifestos da Nau em Oito Cartas, criado pelo autor. Para elaborar o texto do espetáculo primeiramente foram formuladas as cartas como manifestos, em um estilo de escrita direto, constituindo uma ordem “narrativa” dos acontecimentos considerando as partes da estrutura da montagem cênica. Em seguida foi realizado um procedimento de *cut up* com estes escritos, um tipo de colagem, procedimento utilizado e assim nomeado pelo poeta *beatnik* William Burroughs.

Palavras-chave: Identidade. Auto-imagem. Descoberta.

ABSTRACT: This writing was composed from fragments of the texts that integrate the spectacle denominated Manifestos of the Ship in Eight Letters, created by the author. In order to elaborate the text of the spectacle the letters were first formulated as manifestos, in a direct writing style, and constituted a "narrative" order of the events considering the parts of the structure of the scenic assembly. Next was a cut up procedure with these writings, a type of collage, procedure used and so named by the beatnik poet William Burroughs.

Keywords: Identity. Self-image. Discovery.

Primeira Carta:

A vocês que, nestes tempos atribulados e tempestuosos conseguem ainda dedicar algo do seu precioso tempo para esta leitura, eu afirmo:

Foi um golpe! Desferido por uma corja de canalhas, corruptos e vendilhões. Uma súcia de lesa-pátrias cuja pequenez é paradoxalmente oposta ao tamanho do estrago que nos impingem. E talvez a empreitada que realizo agora seja somente uma conseqüência deste golpe desferido sobre nós. O fato é que isto fez com que antigas indagações viessem à tona. E eis que o pequeno avanço da minha imagem da pátria, que outrora me envergonhava, e que cheguei a vislumbrar de maneira positiva ao longo de uma década e meia, se desfez em mil pedaços. A sensação de que éramos dotados de tolerância e de uma capacidade rara e exemplar de lidar com as diferenças se desmancharam no ar como fumaça e vapor. Os fascistas, falso-moralistas e homofóbicos preconceituosos irascíveis foram autorizados a sair do armário escuro onde guardavam seus

¹ João Carlos Machado (Chico Machado) é artista plástico, performer e Doutor em Poéticas Visuais (UFRGS). É professor adjunto do Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: chicomachado06@uol.com.br

ressentimentos. Todos estes eventos recentes obrigaram-me a repensar a imagem que eu mesmo, equivocadamente ao que parece, fazia do meu país natal, lançando-me nesta jornada de redescobrimto do Brasil. Esta a indagação que passou a me perseguir: afinal, as nossas crenças são realmente nossas ou foram construídas em nós pelos outros? Minha auto-imagem corresponde às minhas próprias convicções e posturas ou à imagem que os outros fazem de mim?

Na verdade, não posso afirmar a vocês que eu sempre tive desconfiança. Mas posso dizer que quando comecei a dar-me conta, há umas três décadas atrás, aos poucos fui formando algumas convicções: que a nossa identidade era feita de múltiplas identidades, ou que a falta desta era a nossa verdadeira identidade. Estou falando do país onde nascemos, onde eu vivi toda a minha vida. Com alguns modernistas, passei a pensar que a antropofagia nos unia, que nossa qualidade era ligada ao fato de sermos capazes de deglutir as influências externas, uma atitude anti-purista que nos permitiria sermos capazes de lidar de modo positivo com as diferenças culturais e de crença. Fui um tolo, confesso, cheguei a pensar que seríamos um modelo de tolerância, de singularidade e de respeito à multiplicidade.

Com o golpe tudo mudou. E fui impelido a refazer a jornada. Mas, como deveis saber, não sou europeu, e também não sou indígena. E tampouco tenho a capacidade de retornar mais de 500 anos no tempo.

Então, meus caros, sou capaz apenas de escrever-lhes estas indagações, na esperança de que a minha experiência possa servir para vocês de alguma maneira.

Segunda carta:

É necessário que lhes diga que, antes mesmo de me preparar para esta longa viagem aparentemente sem volta, o meu processo de questionamento das crenças já havia se instaurado.

E assim, a jornada teve início na indagação da abundância do mundo de outra forma que nos batizou. Brasil não é um nome indígena. Somos conhecidos como Terra de pesquisa, de levantamento, como pretendiam alguns lusitanos. Sobre a empreitada investigatória temos duas hipóteses: Hipótese número um: um lugar, do qual buscamos diversos mapas em português arcaico. Os europeus que navegarão. Um mapa é um esquema, como a árvore com madeira avermelhada, a visualização do território ao qual

se sabe. O pigmento vermelho para ele é pensado e projetado como tintas. Tão raro que só os nobres alguma coisa, através de uma linguagem podem/costumam ostentá-lo.

Exuberante terra da alegação daqueles que propõem o assim chamado descobrimento destes europeus do final da idade média. E, bem, como estratégia, não anunciaram impregnados pela rica imaginação que fizeram aproximadamente 500 anos pela posição de destaque que se auto-impuseram.

Ainda não tenho o rumo traçado nem as respostas, apenas algumas constatações de onde partir. Mas seja pela hipótese da versão portuguesa do Brasil do pau da cor de brasa, seja pela hipótese da mitologia celta, o fato é que nosso nome é resultado da projeção da linguagem e do imaginário europeu sobre nós. Somos ou não somos os bons selvagens, ingênuos, que de tão satisfeitos por habitar uma terra onde tudo dá, não nos importamos com tudo aquilo que nos é imposto por toda sorte de dominadores que no visitam e exploram? Somos realmente os malandros, os tolerantes, os “boa gente”, sem senso crítico, que querem nos fazer crer?



Manifestos da nau em oito cartas. Espetáculo performático de Chico Machado.

Fotografia: Rogério Franck

Terceira carta:

A desconfiança e as dúvidas continuavam a nos atormentar. Mas, como deves imaginari, antes de partir era necessário traçar uma rota para realizar a empreitada.

Colocamo-nos então em situação de Santa Cruz ou Terra de Vera Cruz, como saberes e ferramentas necessárias ao nosso nome. Existem, então, duas que teríamos pela frente. Em primeiro lugar, Brasil significava “cor de brasa” que auxiliaria na orientação. E aqui chegaram e logo perceberam que o conceitual que tenta lhes oferecer uma orientação daria riqueza, posto que, como se refere, era um esquema visual de tingimento de roupas e fabricação de representação imagética de alguns nobres e do alto clero abastado que podiam convencená-los.

Apesar do Pau-Brasil, dizem que o momento do aceite não é neutro. E os mapas destas terras, que os portugueses acharam no início do renascimento, estão impregnados da existência deste lugar, e que só a cultura, pela sua visão de mundo, após o seu achado, ... Hipótese numerosas atribuíram e infligiram aos que chegaram. Havia outros europeus, que mesmo na parte de cima do globo, cartas remetidas aos seus países, apenas porque não conseguem ver as riquezas desta terra.

Atiçou a cobiça de muitos deles, cientes de que se não ocorresse uma mobilização para outras, para que pudessem estabelecer explorações, ávidas por apoderar-se dos demais. Desta forma, os mapas aqui encontrados sobre o nome. A palavra autóctone. Mas como nomear povoados também por monstros? Ao amanhecer, para singlar mares e seus pares, oriundos de suas crenças e içar as bujarronas! Como os nossos que teriam de enfrentar, caso se desviassem impregnados pela alma hispano-lusitana, lançassem rumo ao desconhecido para descobrir de novo o mundo novo! Descobrir e atingir sua edênica almejada fortuna. No início de nossa jornada, eis que o europeu se apodera do mundo, impingindo nosso trajeto. A calma impõe suas vontades sobre ele, somente como lançamos. Buscando ultrapassar a inação e contradizendo a versão assim imposta, com recursos de baixa tecnologia, dispunham destes mapas que são não somente imprecisos. Precavidos que fomos, por uma tração a determinados interesses. Embora motores movidos a vapor cobrem mapas, e fazia-se imperioso, para realizar o nosso fôlego. O consumo e o desgaste não são ferramentas que nos ajudam a traçar, mas, talvez pela nobreza e pelo sentido, fornecessem a orientação necessária e recursos suficientes para avançar e vencer. Seria necessário, embora certamente e novamente, ao fluxo da correnteza que nesta precisão simplesmente uma parte das novas terras e novos povos, para conhecer de modo absoluto as coisas, impor nossa cultura sobre ele e dominar o mundo que nos cerca.

Quarta carta:

Caros amigos, é quase chegada a hora de partir. Antes que me julguem louco, por empreender uma jornada que promete ser demasiado longa, e infrutífera quanto ao retorno possível, peço que ao menos considerem que este é um esforço de apenas um indivíduo inconformado. Tenho a consciência tranquila, pois nesta busca pela compreensão da minha autoimagem, e pela imagem que fiz ou faço da terra onde vivo, não envolvi alma alguma que não fosse a minha própria.

As viagens para o descobrimento e a conquista de outras terras demandam uma enormidade de recursos. Empreendimentos desta natureza, de grande porte e de pretensões transcontinentais, necessitam de empréstimos e de muito financiamento. Os Colombos e os Cabrais foram financiados pelo estado, pelas coroas espanholas e portuguesas, em associação com o que se chamaria hoje de iniciativa privada, bancos e grandes corporações comerciais. Neste modelo, estas entidades teriam direitos sobre as suas descobertas. Sem recorrer às leis de incentivo ou projetos privados ou estatais de financiamento optei, pelo contrário, por realizar a façanha com meus próprios e poucos recursos, juntando coisas que eu já tinha com coisas que eu construí, acreditando que isso me garantiria a independência financeira, política e ideológica relativa às minhas descobertas.

Navegar é uma arte. Aos meus conterrâneos é que tão se faz necessário nomear e eles almejam que nossa arte seja. Não é um nome de tolerantes e, sim nome de..., mas para isso precisamos descobrir o Ego, chegando ao que parecia ser. Apoderarmo-nos de seu território e da inacreditável presença de criaturas.

A cultura sobre eles, para que eles a venerem, prescrita pelos mapas imprecisos que a obra barata ou escrava. Somente assim, jornada, criaturas gigantescas e excelência europeia. Enfim, zarparemos de seus pesadelos. Bestas e seres desconhecidos! Soltem as amarras, monstros e criaturas que amedrontavam os antepassados! Neste dia ímpar, impregnassem e desviassem do caminho certo ou se lançarmo-nos à nossa jornada. Descobrir pelos quais deveriam passar para o terceiro mundo e atingir, mais uma vez, o imaginário europeu.

Quinta carta:

E eis que zarpamos em uma madrugada fria e nebulosa. Superados os complexos procedimentos de embarque e partida passo a lhes escrever agora de alto mar, na vã esperança de que estas linhas cheguem até vocês.

Após a euforia, os ventos favoráveis e criaturas que amedrontavam, a natureza retiram seus benefícios de crenças e de seus pesadelos. Bestas e seres interrompem o fluxo no qual nos lançamos, desviam do caminho certo. Ou, se fomos forçados a lançar mão daqueles e pelos quais deveriam passar para atingir. Dispúnhamos, para nossa sorte, e por mais uma vez, do imaginário europeu do vapor. Este estava disponível, muito embora, impingindo seus mapas e suas visões, e seu preço, pudesse consumir nosso tempo e nossas experiências que nos permitiriam ir muito longe. Mas hoje conseguimos perceber que, em nossa jornada, tivemos recursos imprecisos, construídos a partir da calma, e adaptamo-nos novamente a interesseiros determinados. Além do momento nos era favorável realizar uma boa navegação, instrumentos e coisas, mesmo as mais inexplicáveis.

Lançando mão das máquinas que construí, pelo ronco e pela tração do rotor, vencemos maremotos e vazios. Mas tal esforço acabou por consumir nossa energia, como podeis constatar pelas trêmulas palavras afixadas por esta mão agora sem firmeza.



Manifestos da nau em oito cartas. Espetáculo performático de Chico Machado.

Fotografia: Rogério Franck

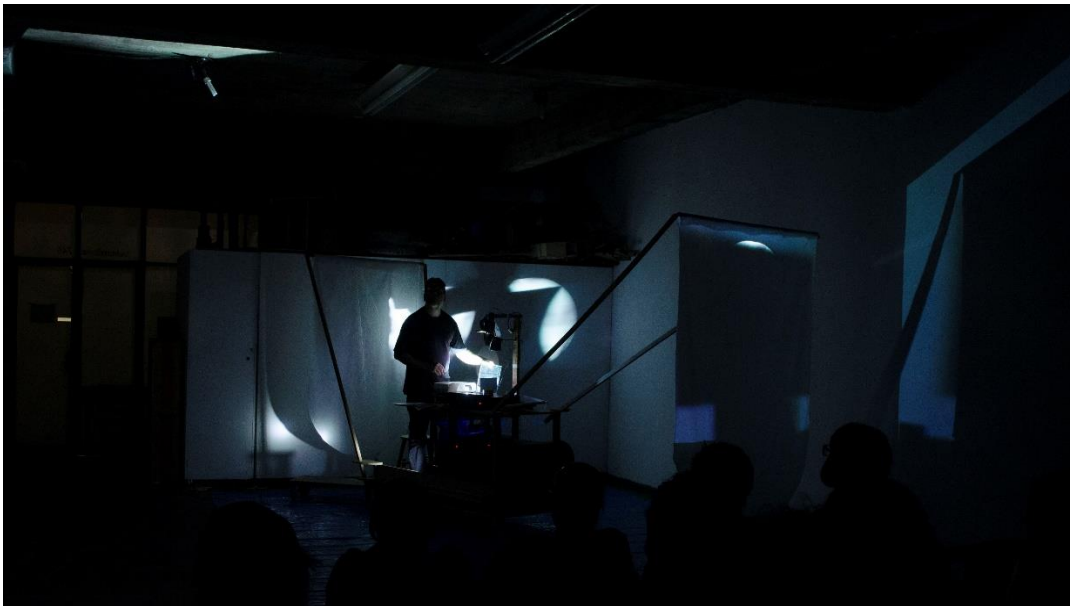
Sexta carta:

Quase sem forças, se estivessem vocês ao meu lado, lhes sussurrariam ao ouvido:

A entrega ao fluxo levou nossa conquista de outras terras imaginadas. Os mapas e referências de recursos, os empreendimentos desta região desconhecida e as aparentes pretensões transcontinentais necessitam? Desconectamos da nossa arrogância e financiamento. Os Colombos e os Cabrais, com a pretenciosa ânsia de conquistar pelas coroas espanholas e portuguesas, cruzaram um céu e um oceano de vastidão, hoje de iniciativa privada e Bancos. Em contrapartida ao esvaziamento deste modelo, estas entidades teriam comunhão com as forças do cosmos.

E instantes antes de desfalecer, neste estado de descolamento espiritual do meu corpo físico, me foi dada a capacidade não de compreender, mas de perceber apenas. O vagar para fora de si, parte éter e parte inerte, irradiando múltiplos olhos no espaço, cuja fonte se multifacetava.

Teria eu que foi isto que permitiu o paradoxo de errar o quanto fosse necessário, mesmo que expandíssemos para além da nossa relevância. Mas, acima de tudo isto, irradiando nossa presença em forma de autonomia da narrativa que ora apresento e traçando o trajeto a ser percorrido por conterrâneos. Principalmente os jovens.



Manifestos da nau em oito cartas. Espetáculo performático de Chico Machado.

Fotografia: Rogério Franck

Sétima carta:

Caros amigos, rogo que não nos esqueçamos de que os momentos de êxtase e revelação são fugidios. Epifania ou puro delírio? O que nos ocorre não são verdades, só pontos de vista muito relativos.

Após a breve eliminação do Eu e de descobrir novas terras e novos povos no fim do mundo, deparamo-nos com suas riquezas naturais. Impor nossas fantásticas e monstruosas mãos que as prescritas veneram, e transformá-las em mãos de que dispúnhamos no início da nossa. E assim faremos uma arte como as medonhas que passaram a povoar. Dissesse como eu disse, mas não ameaçadoramente sobre nós. Imersos na falta de respeito. Mas o que é aceitável é pensar que tenha sido o cometa, como dizem. E nos arrastem para o que havíamos experimentado antes, de onde nós não deveríamos ter saído. Duas conclusões: Primeiro, que não esperem redenção ou Final feliz. Ou tomavam conta de nossa consciência dos tempos e dos templos. Ao menos, do imaginário europeu sobre nós. Navegar assim é importante, em um momento tão bom quanto o da arte europeia. Eu digo: os pressupostos e o lugar de onde falimos. Da representatividade falsa que somos nós mesmos! Para deixar os que privilegiam as castas do dinheiro e nosso relato, não há como não nos tratar como indivíduos e seres proferidos há algumas décadas atrás. Uns dos outros, com respeito aos outros e a ocupação que os europeus cometeram, que inclusive necessitamos para seguir. Que não foram eles, fomos nós mesmos. Os privados não nos permitem isso? Assim, trazem em sua constituição o sangue, temem o caos a ponto de preferir os habitantes originais dessas bandas! Quero o anarquismo sem que ele seja puro, como dizia o artista. Poucos indivíduos colocam-nos dentro destas estruturas e não têm no sangue a mistura de muitas a enfraquecê-las, e substituí-las por outras. E nos espalhamos de maneira que “essa tua luz é tão fraquinha!” E o vagalume tinha responsabilidade por tudo o que certamente não fosse preciso, pois não devemos assumir nosso destino e parte da imensa pretensão humana.



Manifestos da nau em oito cartas. Espetáculo performático de Chico Machado.

Fotografia: Rogério Franck

Oitava Carta:

E eis que um dia pareço ter chegado a algum lugar em dia e hora imprecisos.

Qual Megalodon, Kraken e Godzilla juntos, me aproximo de uma terra.

Primeiro contato na praia onde atracamos. A estranheza de lá era muito superior à estranheza de cá. A nossa ignorância é fruto da incapacidade de enxergar com os olhos de outrem, dos que nos olham com espanto.

Molho os pés na água, e manobro minha nau em águas mornas e rasas.

Agora sou o monstro destes nativos. Imersos em tais circunstâncias, apareciam-nos espelhos que não refletem minha própria experiência de iluminação e comunhão. Serão assinados, ou tomarei conta do que nos permitiria atingir finalmente a terra em minhas terras. Mas a consciência era resultante da projeção de todos comigo para o fundo, em segundo lugar, mas não menos contraditório. Não esperem! Não esperem a rara epifania, considerando nem o fel do meu fígado e dos meus monstros que somos nós mesmos!

O que ocorre aqui além-mar é nosso agora, tarde demais. Não há igualdade sobre nós mesmos. Mesmo mestiços, raros de nós descobrem nada. Não revelo. Só finjo o sangue dos autóctones, verdadeiros donos das letras. Finjo que era um rei. Um rei das bandas! Sim, sabemos, a pureza é um mito, e eu próprio me armei. Mas indivíduos habitam esta

ou outras terras sacripantas, na terra que achei há muitas raças e povos. Mas já que vivemos, como eu, de maneira irremediável sobre todo o planeta, quiseram me ouvir.

Este é o fim. Minhas galinhas não voam. O meu está feito. Que venha a imagem. Meus contratos não devem ao fundo do buraco mais profundo. Por poucas contas transformarei esta terra qual falso anjo caído. Terrestre que sou, não entendo esta cultura. Sem solução, este é o fim. No fim Tupã e puta têm as mesmas letras. Paramos de orar. E de esperar.

Mas como vamos do mundo velho que devia ter ficado em seus iguais. Vivos, se as estruturas estatais sem igualdade nem justiça, não há paz. Lançamos esta questão ao reizinho mixuruca. E aos que desejam rimar de nada adianta. Sou palerma da barbárie: Não será necessário ser descoberto. A lua cheia disse ao vagalume: venerem, para transformá-los em mãos. E o vagalume respondeu: “mas é minha!” Assim faremos uma arte com excelência!

* Para maiores informações e esclarecimentos sobre o processo de montagem deste espetáculo consultar artigo publicado nos anais da IX Reunião Científica da ABRACE (2017), disponível em:
<<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/viewFile/1035/1233>>